



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

Excluídos da *Belle Époque* carioca nas Crônicas do Vagalume

Julie Angel da Silva Dias



RIO DE JANEIRO

2024

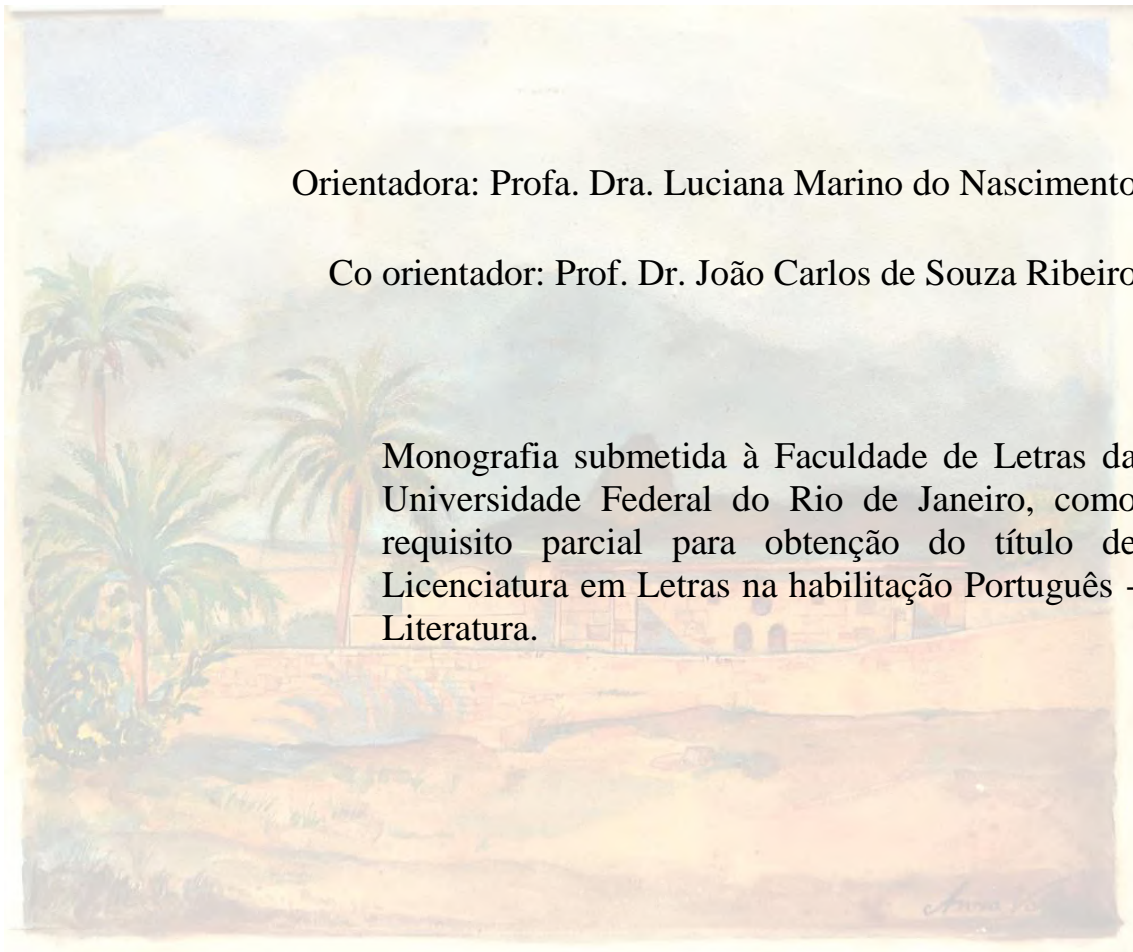
Excluídos da *Belle Époque* carioca nas Crônicas do Vagalume

Julie Angel da Silva Dias

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento

Co orientador: Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português - Literatura.



RIO DE JANEIRO

2024

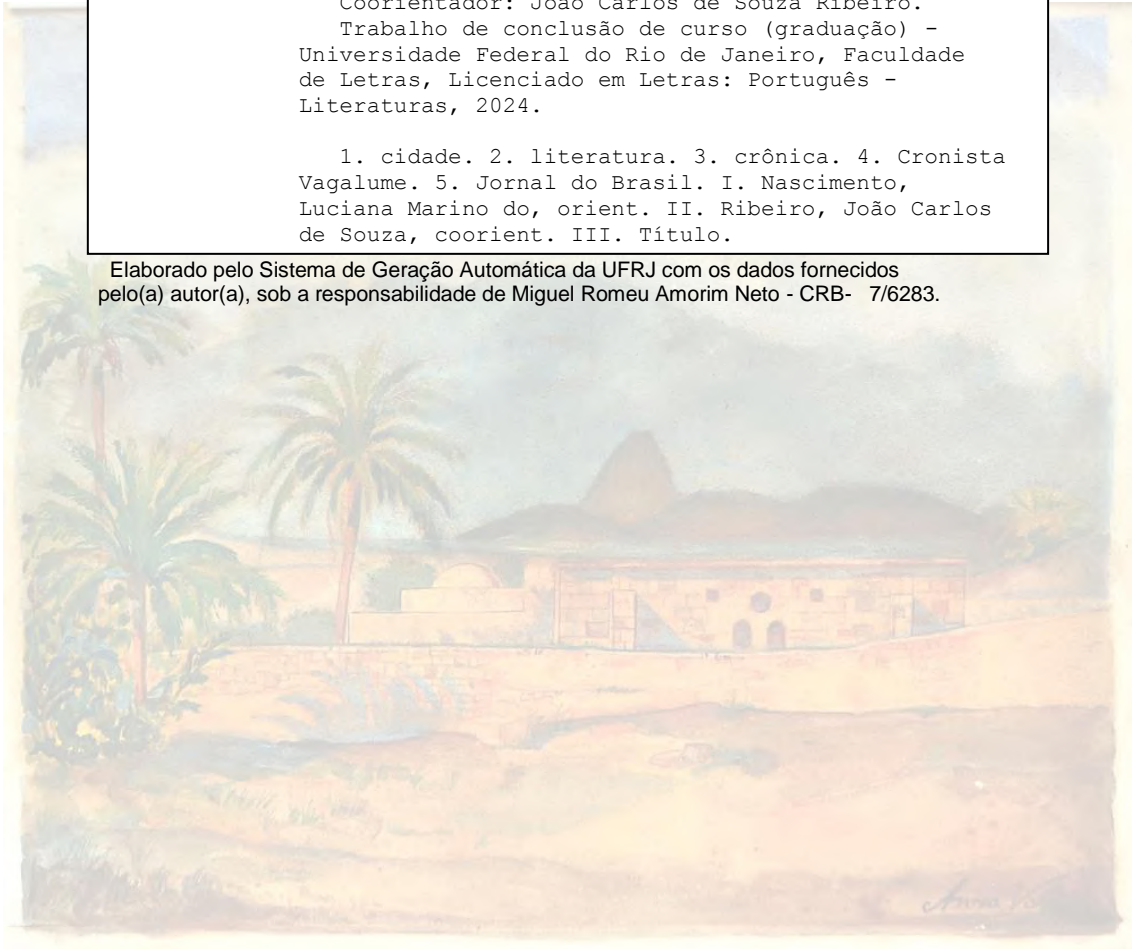
CIP - Catalogação na Publicação

D541 Dias, Julie Angel da Silva
Excluídos da Belle Époque carioca nas Crônicas do
Vagalume / Julie Angel da Silva Dias. -- Rio de
Janeiro, 2024.
25 f.

Orientadora: Luciana Marino do Nascimento.
Coorientador: João Carlos de Souza Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. cidade. 2. literatura. 3. crônica. 4. Cronista
Vagalume. 5. Jornal do Brasil. I. Nascimento,
Luciana Marino do, orient. II. Ribeiro, João Carlos
de Souza, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB- 7/6283.



ANEXO C: FOLHA DE AVALIAÇÃO FOLHA DE AVALIAÇÃO

JULIE ANGEL DA SILVA DIAS

DRE: 117195841

Excluídos da Belle Époque Carioca nas Crônicas do Vagalume

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português - Literatura

Data de avaliação: 22/04/2024

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento

Orientadora - Presidente da Banca Examinadora - Nota: 10,0

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro – Nota: 10,0

Co orientador

Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly – Nota: 10,0

Leitor Crítico

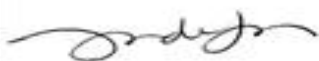
MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:

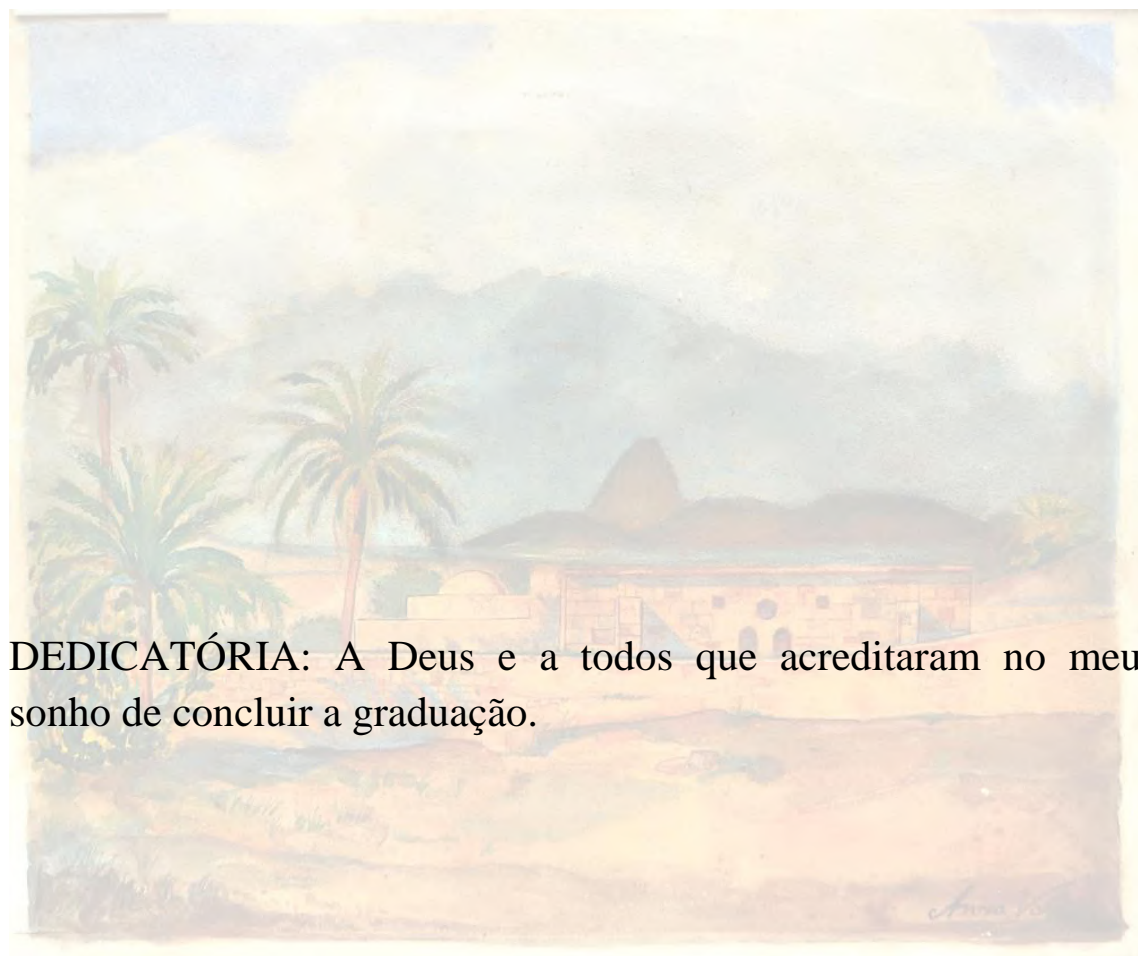


Luciana Marino do Nascimento

Prof^a Dr^a Luciana M. do Nascimento
Orientadora - Presidente da Banca Examinadora
Matrícula SIAPE nº 1515091
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras



Maged El Gebaly

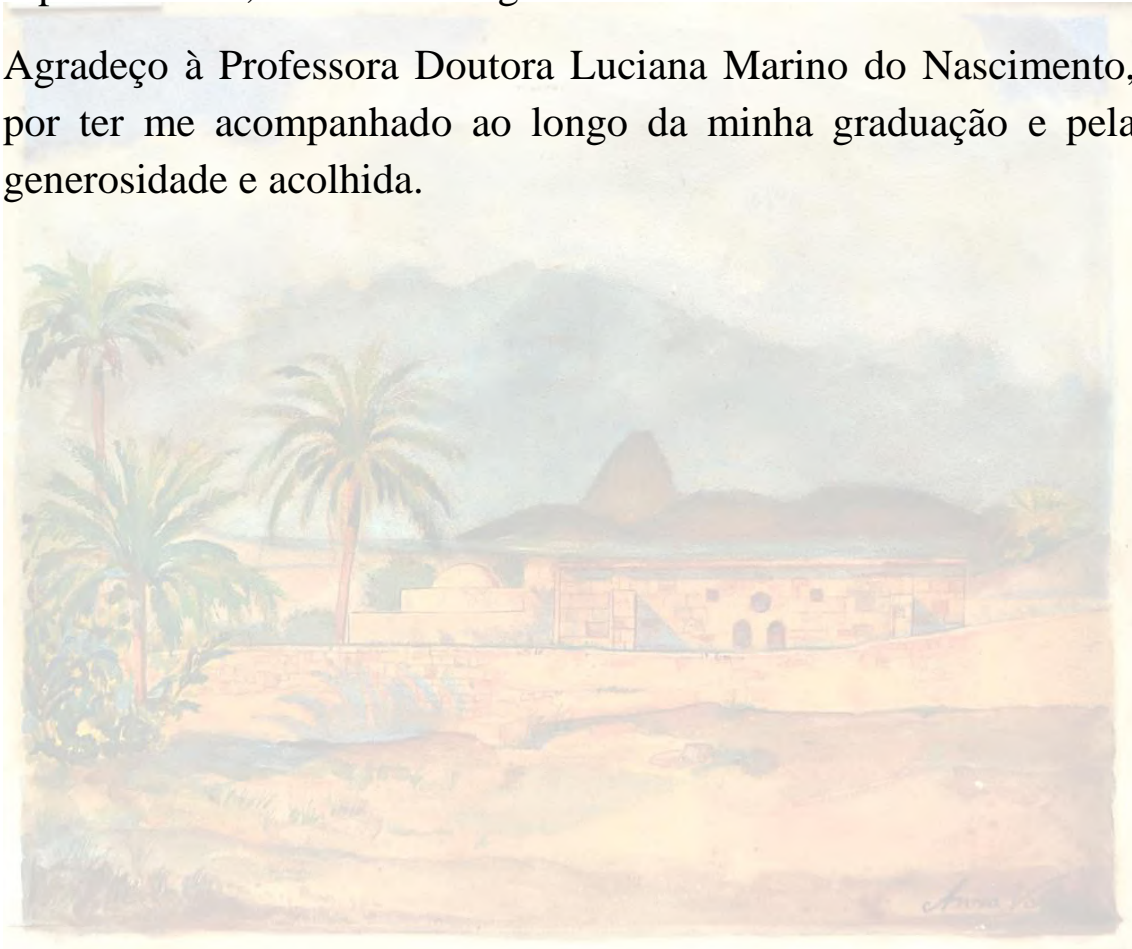


DEDICATÓRIA: A Deus e a todos que acreditaram no meu sonho de concluir a graduação.

AGRADECIMENTOS

A todos que me apoiaram ao longo destes anos de esforço, especialmente, aos meus amigos e familiares.

Agradeço à Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento, por ter me acompanhado ao longo da minha graduação e pela generosidade e acolhida.



RESUMO

Os fins do século XIX e o início do século XX figuram na história ocidental como um momento decisivo para os rumos do pensamento político, social e econômico, trazendo consigo a marca da modernidade. Esse período foi um tempo sem limites em que se consolidaram o capitalismo e a classe burguesa, o que também reverberou não só no campo da economia mas também na vida social, na urbanização, nos novos hábitos e no campo da cultura e da literatura. Os intelectuais começam a se destacar nos veículos da imprensa e no Brasil, o cenário não foi diferente, marcando o chamado período da Belle Époque.

Nosso objetivo principal repousa nos estudos das representações da cidade e da vida social, no que tange aos excluídos da “Belle Époque” nas crônicas sobre o Bairro da Saúde e da Gamboa veiculadas na série “reportagem da madrugada”, no Jornal do Brasil do Jornalista Francisco Guimarães, o Vagalume. Trata-se de uma pesquisa de cunho documental aliada ao aporte de uma bibliografia teórica, na qual realizamos um levantamento e estudo das crônicas nos jornais, através de pesquisa no acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, onde se encontram depositados os números do jornal em estudo. Nesta perspectiva, busca-se pesquisar, na bibliografia inter e transdisciplinar, no campo dos Estudos acerca da literatura e experiência urbana, num quadro teórico que permita ler as imagens e representações da cidade.

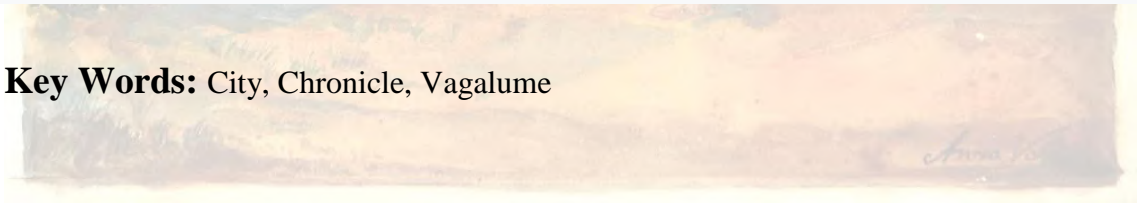
Palavras-chaves: Cidade, crônica, Vagalume

ABSTRACT

The end of the 19th century and the beginning of the 20th century figure in Western history as a decisive moment in the direction of political, social and economic thought, bringing with it the mark of modernity. This period was a time without limits in which capitalism and the bourgeois classes were consolidated, which also had repercussions not only in the field of economics but also in social life, urbanization, new habits and the field of culture and literature. Intellectuals began to stand out in the press and in Brazil, the scenario was no different, marking the so-called Belle Époque period.

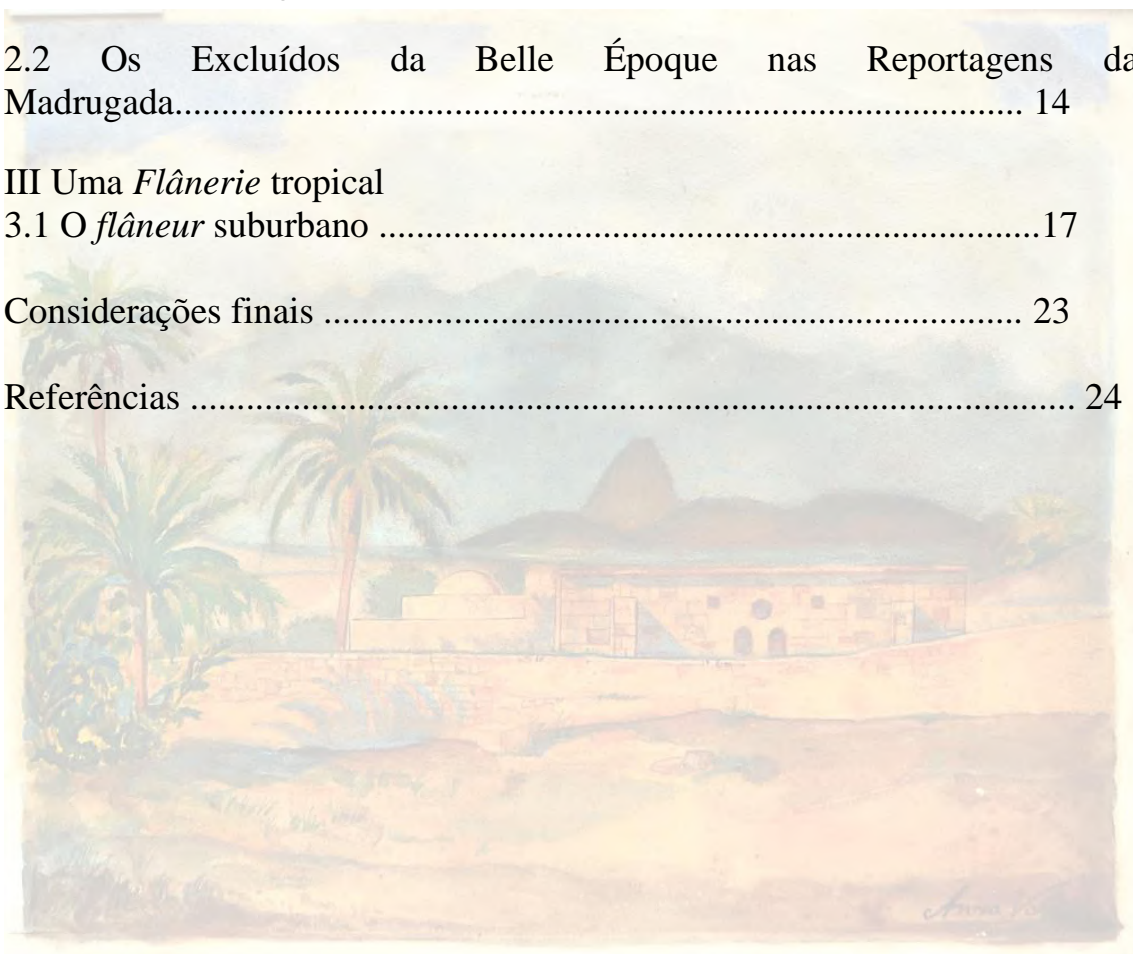
Our main objective lies in the studies of representations of the city and social life, with regard to those excluded from the “Belle Époque” in the chronicles about the Bairro da Saúde and Gamboa published in the series “reportagem da madrugada” in *Jornal do Brasil* do jornalista Francisco Guimarães, as known as Vagalume. This is a documental research combined with the contribution of a theoretical bibliography, in which we carried out a survey and study of the chronicles in the newspapers, through research in the collection of the digital newspaper library of the National Library, where the newspaper's issues are deposited. From this perspective, we seek to research, in the inter and transdisciplinary bibliography, in the field of studies on literature and urban experience, in a theoretical framework that allows us to read the images and representations of the city.

Key Words: City, Chronicle, Vagalume



SUMÁRIO

Introdução.....	10
I. A Belle Époque carioca	11
II. O Vagalume e seus voos	
2.1 O Cronista Vagalume	12
2.2 Os Excluídos da Belle Époque nas Reportagens da Madrugada.....	14
III Uma <i>Flânerie</i> tropical	
3.1 O <i>flâneur</i> suburbano	17
Considerações finais	23
Referências	24



Introdução

A cidade, enquanto novidade e ícone da modernidade no século XIX, engendrou novas formas de vida, trazendo consigo a ideia de civilização e uma importante estética que esteve presente dos fins do século XIX às primeiras décadas do século XX, foi a Belle Époque. Após assinar o tratado de Frankfurt - acordo assinado em 10 de maio de 1871 para instaurar a paz entre França e Prússia e findar a guerra Franco-Prussiana-, a França obteve um período de estabilidade e desenvolvimento tecnológico.

O progresso francês estava diretamente ligado ao seu desenvolvimento urbano e industrial, como o alargamento das avenidas e a urbanização das cidades. De acordo com Jeffrey Needell (1993), as ruas estreitas de Paris foram substituídas por sistemas de circulação precisos e bem orquestrados, alguns bairros ocupados pela classe operária foram removidos e houve um processo de embelezamento da cidade que destaca uma paisagem composta por grandes monumentos e edifícios públicos imponentes. Essas mudanças implicaram na arte, na cultura e até mesmo no comportamento dos franceses, que eram vistos como modelo de civilização a ser seguido, a capital francesa ganhou o título de *Ville Lumiere* (Cidade Luz) e passou a ser a vitrine da França para o mundo.

A Belle Époque simbolizou também o florescimento das artes e da cultura. Paris, em particular, emergiu como o epicentro de uma vibrante cena artística, com o impressionismo, o simbolismo e o art nouveau desafiando as convenções estéticas da época. Artistas como Claude Monet, Édouard Manet e Henri de Toulouse-Lautrec produziram obras que capturaram a essência da vida urbana e rural, enquanto escritores como Émile Zola e Marcel Proust exploraram as complexidades da condição humana através de suas obras literárias.

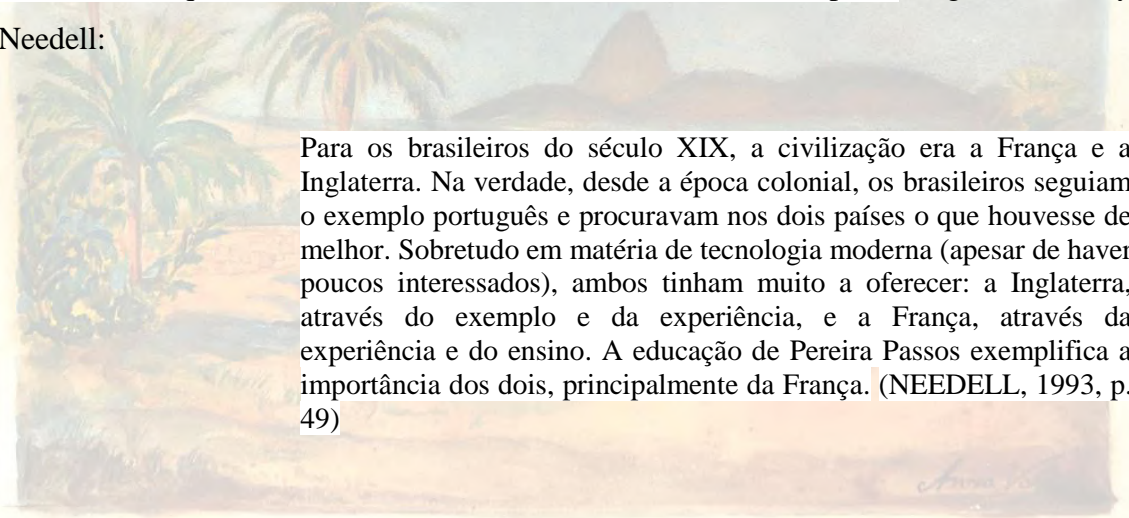
Além disso, a Belle Époque testemunhou avanços significativos em tecnologia e ciência. A construção da Torre Eiffel para a Exposição Universal de 1889 se tornou um ícone do progresso industrial e técnico, simbolizando a ascensão da França como uma potência global. Enquanto isso, os avanços na medicina, na engenharia e nas comunicações impulsionaram ainda mais o desenvolvimento do país e moldaram o mundo moderno.

I. A Belle Époque carioca

A Belle Époque foi um período que se estendeu aproximadamente do final do século XIX ao início do século XX na França, é mais do que um simples intervalo de tempo na história; é uma era repleta de significado cultural e social que moldou profundamente a identidade francesa e influenciou o curso da história mundial.

A Belle Époque é um símbolo de prosperidade e otimismo. Na esteira da devastação da Guerra Franco-Prussiana e da Comuna de Paris, a França experimentou um renascimento econômico e cultural. Foi uma época de crescimento industrial, expansão econômica e desenvolvimento tecnológico, refletindo-se na construção de marcos emblemáticos como a Torre Eiffel, que se tornou um símbolo de progresso e modernidade.

A *Belle Époque* carioca foi o período no início do século XX em que a cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, modernizou-se, tendo as grandes cidades europeias como modelo. O prefeito Pereira Passos, responsável pela reforma da Capital do Brasil, foi influenciado pelas reformas que Haussmann, o gestor de Paris, realizou na Cidade Luz, que era o maior símbolo de modernidade da época. Segundo Jeffrey Needell:



Para os brasileiros do século XIX, a civilização era a França e a Inglaterra. Na verdade, desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor. Sobretudo em matéria de tecnologia moderna (apesar de haver poucos interessados), ambos tinham muito a oferecer: a Inglaterra, através do exemplo e da experiência, e a França, através da experiência e do ensino. A educação de Pereira Passos exemplifica a importância dos dois, principalmente da França. (NEEDELL, 1993, p. 49)

Durante a *Belle Époque* carioca, as reformas simbolizavam o crescimento da cidade e a Capital sofreu diversas transformações urbanas, sociais e culturais. Nesse período de modernização, parte da sociedade carioca celebrava o “Bota-abixo”, que ocorreu através das inovações do prefeito Pereira Passos, responsável por liderar grandes reformas e construções, como a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. As condições sanitárias da cidade eram uma das preocupações dos reformadores e o médico Oswaldo Cruz foi o responsável pelo saneamento da cidade.

A partir do século XX, a cidade foi alvo de intensos debates, dentre eles, o literário. Nos jornais houve uma atuação intensa dos intelectuais e a crônica expressou, em larga medida, questões como: a organização civil e social da capital, urbanização, segurança pública e política nacional e internacional.

II O Vagalume e seus voos

2.1 O Cronista Vagalume



Figura 1. O Cronista. Fonte: Jornal do Brasil, 21 de novembro de 1899

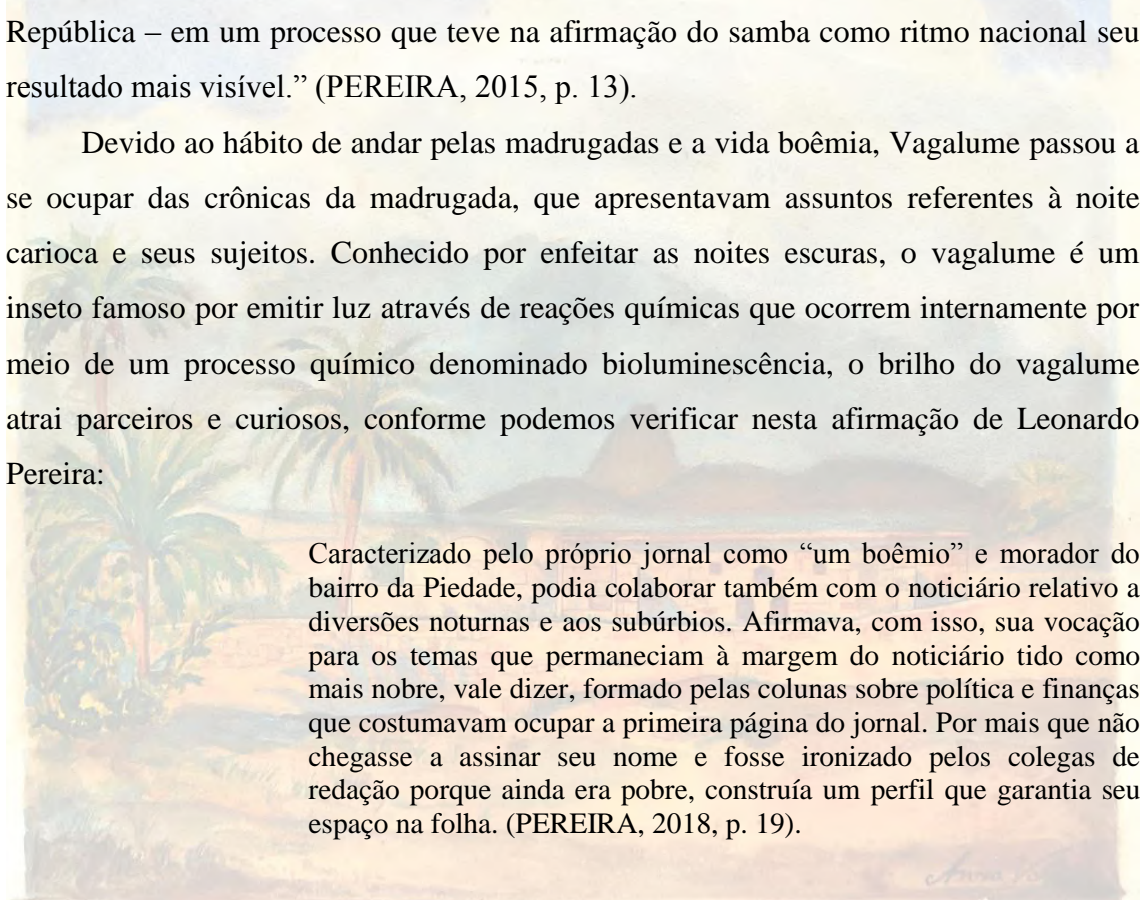
Na esteira do progresso urbano, a imprensa se destacou como o veículo principal no debate das ideias e na construção da cidade moderna, na maior parte das vezes num panorama bastante variado e a maioria dos intelectuais desse período se tornaram também os arquitetos da cidade, pois através de seus textos sonhavam e desenhavam a cidade, de acordo com as suas visões desse espaço.

Nesse sentido, podemos destacar os cronistas como esses arquitetos do cotidiano da cidade, pois a crônica é o gênero textual que se aproxima do cotidiano do leitor, dando significado aos detalhes mais simples do dia-dia. Segundo Antonio Candido, uma das funções da crônica é estabelecer e restabelecer a dimensão das coisas, a crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas.” (CANDIDO, 1984, p. 14).

No vasto panorama literário da *Belle Époque*, os escritores liam a cidade e, de acordo com Luciana M. do Nascimento, “alguns cronistas da época apresentavam uma visão crítica em relação a essa implantação de modelos europeus dentro da cidade”, (NASCIMENTO, 2010, p. 64), o que nos parece ser o caso do cronista Vagalume, pseudônimo de Francisco José Gomes Guimarães.

Segundo Leonardo Affonso Miranda (2018, p. 18), o autor foi um dos mais populares cronistas e dramaturgos no Rio de Janeiro da Primeira República. Francisco Guimarães nasceu em 1877, em uma família de trabalhadores pretos, recebeu apoio de um instituto profissional que ajudava jovens beneficiados pela Lei do Ventre Livre e ingressou no mercado de trabalho aos 14 anos de idade. O jovem Vagalume atuou como auxiliar de trem na Estrada de Ferro Pedro II, atual central do Brasil. Francisco conheceu um jornalista que cobria as notícias da ferrovia e passou a trabalhar como assistente do repórter até ser contratado pelo Jornal do Brasil, em 1896. “Vagalume ajudou a definir novas bases para a cultura carioca e brasileira ao longo da Primeira República – em um processo que teve na afirmação do samba como ritmo nacional seu resultado mais visível.” (PEREIRA, 2015, p. 13).

Devido ao hábito de andar pelas madrugadas e a vida boêmia, Vagalume passou a se ocupar das crônicas da madrugada, que apresentavam assuntos referentes à noite carioca e seus sujeitos. Conhecido por enfeitar as noites escuras, o vagalume é um inseto famoso por emitir luz através de reações químicas que ocorrem internamente por meio de um processo químico denominado bioluminescência, o brilho do vagalume atrai parceiros e curiosos, conforme podemos verificar nesta afirmação de Leonardo Pereira:



Caracterizado pelo próprio jornal como “um boêmio” e morador do bairro da Piedade, podia colaborar também com o noticiário relativo a diversões noturnas e aos subúrbios. Afirmava, com isso, sua vocação para os temas que permaneciam à margem do noticiário tido como mais nobre, vale dizer, formado pelas colunas sobre política e finanças que costumavam ocupar a primeira página do jornal. Por mais que não chegasse a assinar seu nome e fosse ironizado pelos colegas de redação porque ainda era pobre, construía um perfil que garantia seu espaço na folha. (PEREIRA, 2018, p. 19).

O cronista mostrava o Rio de Janeiro sob o olhar daqueles que eram marginalizados. Devido ao grande sucesso de suas crônicas, Francisco Guimarães ganhou uma homenagem na primeira página do Jornal do Brasil, o texto afirma que todo notívago é um vagalume e acaba explicando o motivo do apelido do autor da crônica intitulada “Reportagens da Madrugada”. Observemos este trecho de sua crônica:

Há por ali enxames destes insetos notívagos, de todas as cores e de todos os feitios, velhos e moços, a confundirem-se com o bonde de pássaros da rua, de sol a sol, pela noite adiante, morosamente, por aí além, fitando estrelas.

O Vagalume é artista, repórter, jornalista, literato, poeta, deputado, senador, funcionário público, operário, juiz, comerciante, banqueiro, caixeiro, secreta (sic), advogado, médico, major, coronel, delegado de polícia, inspetor seccional, ator, atriz, corista, comediógrafo, músico, pintor, escrivão, oficial de justiça, etc... etc.

Em geral, o maior número de vagalumes, é de boêmios e... vadios. Para que a espécie não desapareça os de ambos os sexos; os ha (sic) ricos e pobres; limpos, mal amanhados, de todos os aspectos, enfim. Aqui, no Rio de Janeiro, a quantidade é maior que em outra qualquer parte. Na escala social, os ha de ordem superior e de ordem inferior; às famílias, os gêneros variam; a espécie é a mesma.

Em geral, é inofensivo!

Mas os há viciosos e turbulentos: bebem, fumam, jogam (Pássaros da Rua. O Vagalume. *Jornal do Brasil*, n. 126, p. 1)

Em alguns trechos, há relatos do cotidiano de aventuras do cronista, seus propósitos e a pluralidade que existe no universo dos notívagos, que é composto por pessoas de diversas classes sociais, como: artistas, jornalistas, literatos, poetas, deputados, senadores, operários, juízes, comerciantes, banqueiros, caixeiros, advogados, entre outros. Entre os vagalumes existem ricos e pobres, homens honestos e desonestos, pessoas de todas as cores e gêneros, ou seja, não existem estereótipos que possam definir os notívagos.

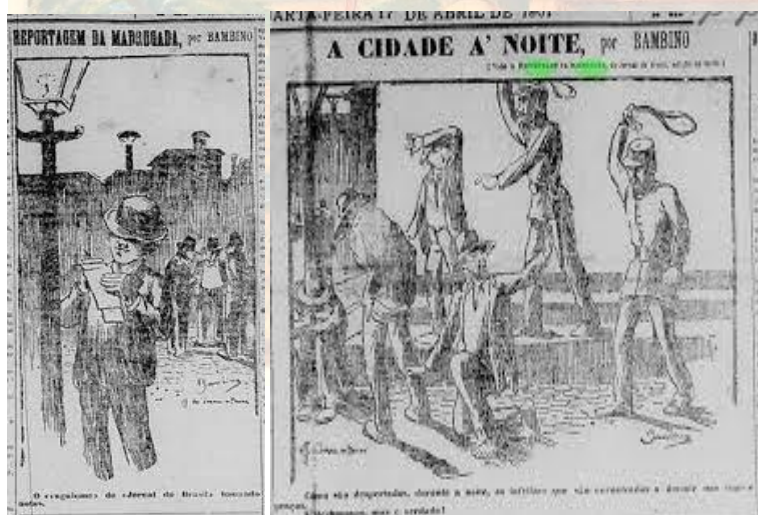


Figura 2. Reportagem da madrugada. *Jornal do Brasil*.

2.2 Os Excluídos da Belle Époque nas Reportagens da Madrugada

O cenário das crônicas do Vagalume era constituído por espaços que estavam às margens da modernidade urbana, tais como: os subúrbios do Rio de Janeiro, as feiras, restaurantes populares, botecos, rodas de samba, casas simples e salões que eram visitados por pessoas que não costumavam frequentar as colunas sociais das páginas dos jornais. O cronista tem uma relação de proximidade com os sujeitos das reportagens e é dessa perspectiva que ele enfoca aos espaços da classe trabalhadora e de sua cultura que emergem em uma nova narrativa, pois, o proletariado também tem voz dentro das crônicas. Através da reprodução escrita dos diálogos que tinha com os sujeitos que encontrava durante as noites, o Vagalume mostrava quais eram os interesses desses homens e mulheres, o cronista denunciava os problemas da modernidade carioca, que não contemplava grande parte da população, como podemos perceber neste trecho de sua crônica:



Subimos no trem que partiu às 10 horas da noite da estação Central e quarenta minutos depois estávamos na estação da Piedade, sem dúvida o ponto predilecto da gatunagem nestes últimos tempos.

É um horror aquillo por ali.

Vae-se caminhando por uma daquelas estradas, immundas infectas e sem luz, e no melhor da festa, zás! um tiro de revólver, disparado deste ou daquele lado, pondo em collicas o viajante, que fica indeciso se deve avançar ou retroceder.

Alli é moda dar-se de vez em quando um tiro de revólver como prevenção aos gatunos de que serão recebidos - à bala.

Mas, francamente, é muito difícil policiar uma localidade daquellas! Aquilo não é circumscripção, é uma cidade e muito grande.

Nem uma brigada chegaria para um policiamento em ordem, de modo a acudir ao menor rumor.

A plataforma da estação não estava muito concorrido, porque os caminhos estavam enlameados.

(Reportagem da Madrugada: O Vagalume. *Jornal do Brasil*, n. 133, p. 1. Foi mantida a grafia da época.)

Ao chegar ao bairro da Piedade, Vagalume descreve um Rio de Janeiro que está muito distante do cenário da *Belle Époque*, o cronista denuncia os limites da modernidade quando fala das estradas imundas, mal iluminadas e ruas cheias de lama e sem nenhum policiamento. Segundo os relatos do Vagalume, a distância entre o subúrbio e o centro da Capital Federal era de quarenta minutos, todavia, quando o cronista dá detalhes sobre as condições de vida da população periférica, é como se o centro e o bairro da Piedade estivessem a décadas de distância um do outro. Não havia construções de grandes avenidas, prédios modernos ou monumentos, no bairro da

Piedade, havia diversas ausências, faltava segurança pública e faltava saneamento básico.

O Vagalume demonstra conhecer muito bem os bairros e os moradores dos lugares por onde anda. Ao encontrar Felix Rochinha, o Vagalume é convidado para uma roda de samba na casa de Félix e durante o seu relato da festa o cronista exalta o samba - que é pouco valorizado na cidade, ele elogia os artistas locais presentes na ocasião e os divulga também.

(...) Chegamos à Piedade, ficamos como o matuto que vem à cidade, isto é, admirados, a olhar para todos os lados, sem saber para onde ir. (...) De repente vimos saltar do trem o sr. Felix Bastos Carnaúba, muito conhecido na zona suburbana como Vovô das Crianças e na roda dos baianos por Felix Rochinha.

Sendo também nosso conhecido, aproxima-nos e tratamos logo de indagar o seu destino, pois era acompanhado de alguns músicos.

(...) — Para onde vai esse pessoal Vovô?

Ele, com aquela voz forte e estridente, respondeu:

— Ah! Gostei de vê-lo por aqui, considere-se convidado para um pagode ali em uma casa.

(...) Em vista de tal intimação, não tivemos outro remédio senão tocar a rica marcha para o lugar que o vovô indicasse.

A música era composta de um piston habitualmente executado pelo sr. Luiz de Souza, do corpo de bombeiros; flauta, pelo senhor João da Luz; violão, pelo conhecido cancionista Eduardo das Neves; mais dois violões e um cavaquinho. (Reportagem da Madrugada. Jornal do Brasil, n. 133, p. 1).

Durante a *Belle Époque* carioca, houve uma tentativa de apagamento da cultura negra. Alguns cronistas da época acreditavam que o Brasil deveria seguir os passos da Europa e reprimir os traços culturais africanos era um dos meios para se modernizar “Tais indivíduos queriam pôr fim ao Brasil antigo, ao Brasil “africano” ” (NEEDELL, 1993, p. 49) . Nesse trecho da crônica, Vagalume mostra a força do samba que é despertada pela classe proletária, é através da música que esses homens despertam o ritmo que é oriundo de sua ancestralidade. Enquanto os grandes centros do Rio de Janeiro buscam pela europeização, no subúrbio, a tradição africana permanecia extremamente viva e ativa, pois “estes se expressavam, em primeiro lugar, pelo testemunho da vitalidade das práticas culturais de matriz africana. Era o caso, já naquele momento, do ritmo sincopado que chamava de “samba”, encontrado em muitos espaços que visitava” (PEREIRA, 2018, p. 11).

O samba foi perseguido e marginalizado, desde sua gênese, porque nasceu das práticas provenientes de grupos periféricos estigmatizados. Os clubes de carnaval se

mantinham através do esforço de seus sócios e integrantes que davam a vida para manter esses espaços abertos.

Apareceu um sócio do Clube dos Democráticos:

— Oh! vagalume, estás começando a faina?

— É verdade, estou como um navio em alto mar: tomando altura...

— Queres ir até o Clube.

— Quero.

E seguimos pela rua dos Andradas, conversando.

— Vai ver como aquilo está bonito, deslumbrante! Disse-nos ele. O baile do Grupo dos Rochuras vai ser um sucesso nunca visto nos anais das sociedades carnavalescas!

Cinco minutos depois éramos chegados ao Clube dos Democráticos.

A nossa admiração começou logo na escadaria.

Bela e artística ornamentação! Coisa original que nos recordou o último baile do extinto Clube dos Celibatários, onde o inditoso sócio e procurador do Clube Francisco de Lima Rosa, derramou seu sangue, perdeu a sua vida, em defesa daquele pavilhão multicolor dos heroicos carnavalescos.

O grande salão dos Democráticos estava lindíssimo. Ali tivemos o prazer de ver um belo escudo em homenagem ao Jornal do Brasil. Lord Bumba, prontificou-se obedecendo às ordens do general Lucifer e mais do 2º secretário, o vagalume Jesus mostrar-nos todas as dependências pelo que nos confessamos gratos.

Desde a entrada até ao gabinete reservadíssimo dos cavalheiros e damas. Tudo é bandeiras e flores! A festa desta noite, o baile do grupo dos Rochuras, promete ser feérico! (Reportagem da Madrugada. Jornal do Brasil, n. 124, p. 1),

Ao visitar o Clube dos Democráticos, o Vagalume revela a dificuldade que os espaços de manifestação da cultura preta sofreram. O Vagalume destaca a luta de Francisco de Lima Rosa, que usou todas as suas forças em prol de seu amado pavilhão. O cronista descreve a beleza do clube noturno, ressalta sua ornamentação artística e reconhece os sacrifícios que os homens e mulheres da classe operária fizeram pelo Clube dos Democráticos.

III Uma flânerie tropical

3.1. Flâneur Suburbano

Segundo o pensamento de Walter Benjamin, o ideal de modernização proposto por Haussmann provocou uma série de mudanças no comportamento do homem moderno, na Paris do século XIX. A classe trabalhadora presenciou de perto as transformações decorrentes da modernidade. Para que os centros comerciais, galerias e fábricas funcionassem, houve aumento na carga horária de trabalho, nas obrigações e na

vigilância sobre os operários. Os trabalhadores passaram a agir de forma automatizada para acompanhar o ritmo das fábricas e o avanço da economia.

Em oposição ao dinamismo e ao consumismo da sociedade capitalista, surge a figura do *Flâneur*. O homem das multidões é um sujeito passeador, observador e andarilho que se posiciona deliberadamente contra o capitalismo e anda lentamente pelas ruas se questionando e refletindo sobre a vida, a sociedade e a cidade como um todo.

A multidão desperta no homem que a ela se entrega uma espécie de embriaguez acompanhada de ilusões muito particulares, de tal modo que ele se gaba, vendo o passante levado pela multidão, de tê-lo classificado a partir de seu exterior, de tê-lo reconhecido em todas as dobras de sua alma. (BENJAMIN, 2007, p. 62).

O *Flâneur* é um sujeito solitário que faz parte da multidão, ele observa as vitrines das lojas, as fachadas dos prédios, as fábricas, as cafeterias e os salões de maneira crítica, reflexiva e sem interesse material. Ao andar de maneira solitária e vagarosa pela cidade, o *Flâneur* nota os sujeitos que assim como ele fazem parte da multidão, ele constrói narrativas para esses sujeitos e faz conjecturas a respeito dos anseios, angústias, classe social, profissão e personalidade desses indivíduos.

Através da compreensão de Walter Benjamin a respeito do indivíduo moderno, podemos notar que não há espaço para o *Flâneur* em uma sociedade na qual o avanço econômico é visto como principal objetivo. A vida nas grandes cidades gira em torno do desejo desenfreado pelo consumo, que, por sua vez, tira das pessoas a capacidade de olhar de maneira mais profunda para o que está à sua volta. O narrador caminhante escolheu debruçar o seu olhar sobre a cidade, mas o crescimento e o progresso das máquinas conferem a esse um sentimento de desilusão frente ao progresso.

Assim como *Flâneur*, o Vagalume tinha certa familiaridade com as ruas: "A rua se torna moradia para o *Flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes." (BENJAMIN, 1989, p. 35). O Vagalume era o homem da multidão da classe trabalhadora, daqueles que acordavam, cedo para disputar vagas de subempregos.

O Vagalume era uma espécie de *Flâneur* carioca, ao andar pelas ruas do subúrbio do Rio nada passava despercebido ao seu olhar, que observa as rodas de samba, os salões de carnaval, as casas, as vielas, os músicos e as práticas culturais, enquanto interagia e descrevia as pessoas e os espaços de maneira íntima.

Contemporâneo ao Vagalume, Lima Barreto também apresenta uma visão muito crítica sobre a exclusão das camadas populares, o pensamento do autor, a respeito das condições de vida do proletariado, tornou-se indispensável para o debate sobre os excluídos da *Belle Époque* carioca. O escritor fazia uso da escrita como forma de protesto, denunciando o racismo estrutural e o colonialismo, promovidos pela burguesia que oprimia as classes menos abastadas. Segundo Lima Barreto: “ [...] cavalheiros chiques se mostram, nas ruas, com bengalas e trajos apurados; os banquetes e as recepções se sucedem" (...), enquanto a maior parte do país vive na pobreza. (BARRETO, 1998, p. 49, 53).

Enquanto grande parte dos escritores de sua época estavam voltados para a elite carioca da Belle Époque, Lima Barreto denunciava as reformas urbanas que reforçaram a desigualdade social na cidade e sentenciou a população pobre a viver reclusa nos subúrbios, sem acesso ao saneamento básico, transporte de qualidade e segurança.

Lima Barreto tinha uma relação especial com o subúrbio carioca, pois passou grande parte de sua vida nesta região. O subúrbio do Rio de Janeiro era povoado por homens e mulheres laboriosos que sofriam com as condições precárias de vida, por exemplo, desigualdade social e falta de infraestrutura.

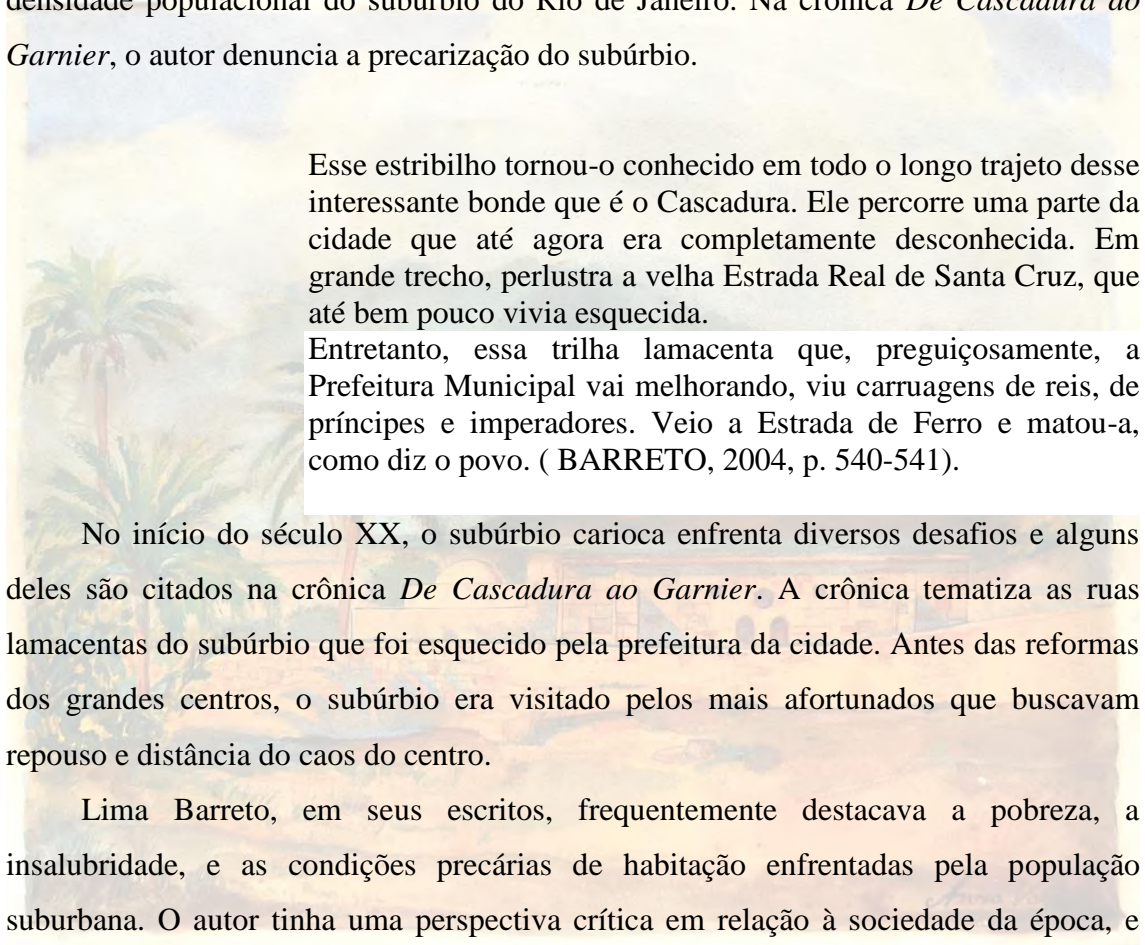
Lima Barreto denunciava as mazelas sociais que assolavam os indivíduos suburbanos. Em um trecho da obra *Diário Íntimo*, de 3 de Janeiro de 1905, o autor confessa ter simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor. Além disso, Lima Barreto explorava a vida cotidiana no subúrbio, dando visibilidade a personagens marginalizados como Clara dos Anjos e sua família, muitas vezes ignorados pela sociedade. O autor supracitado tinha uma visão crítica e realista das condições de vida na periferia, destacando as lutas e as injustiças enfrentadas pelos habitantes dessas regiões. No trecho da crônica *O Cedro de Teresópolis*, por exemplo, o narrador nos mostra a configuração do antigo subúrbio.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim. Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga. (BARRETO, 2004, p.129)

Ao retratar o subúrbio de antigamente, o autor denuncia a precarização desse espaço que outrora fora um lugar agradável, arborizado, com muita vegetação, grandes chácaras e casas de veraneio para aqueles que queriam se afastar da agitação dos grandes centros.

Em um outro trecho da crônica *O Cedro de Teresópolis*, o autor pinta um novo retrato dos bairros suburbanos: “Os nossos subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as da gente pobre não têm coisa alguma.” (BARRETO, 2004). As grandes reformas do centro do Rio de Janeiro provocaram diversas mudanças no subúrbio carioca, que passou a apresentar uma nova paisagem.

Segundo Lima Barreto, o novo cenário do subúrbio não era aprazível. As zonas urbanas se desenvolveram de maneira acelerada provocando um aumento expressivo na densidade populacional do subúrbio do Rio de Janeiro. Na crônica *De Cascadura ao Garnier*, o autor denuncia a precarização do subúrbio.



Esse estribilho tornou-o conhecido em todo o longo trajeto desse interessante bonde que é o Cascadura. Ele percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, perluastra a velha Estrada Real de Santa Cruz, que até bem pouco vivia esquecida.

Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. (BARRETO, 2004, p. 540-541).

No início do século XX, o subúrbio carioca enfrenta diversos desafios e alguns deles são citados na crônica *De Cascadura ao Garnier*. A crônica tematiza as ruas lamacentas do subúrbio que foi esquecido pela prefeitura da cidade. Antes das reformas dos grandes centros, o subúrbio era visitado pelos mais afortunados que buscavam repouso e distância do caos do centro.

Lima Barreto, em seus escritos, frequentemente destacava a pobreza, a insalubridade, e as condições precárias de habitação enfrentadas pela população suburbana. O autor tinha uma perspectiva crítica em relação à sociedade da época, e suas obras serviram como instrumentos de denúncia e reflexão sobre as condições de vida das camadas menos abastadas da população.

Fragol

LATA 3\$000. PELO CORREIO 4\$000.

Único licenciado pela Direcção de Saúde Pública sob n. 145.

A' venda em todas as perfumarias, farmacias e drogarias.

Deposito: PERFUMARIA PAULINO, A RUA RODRIGO SILVA, 24

PHOTOGRAVURA

Nas officinas de *Careta*
executam-se trabalhos de Photogravura,
Zincographia e Gravuras a cores.

Rua da Assembléa n. 70

Telephone Central 5341

De Cascadura ao Garnier

Embarco em Cascadura. E' de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou occupar o banco da frente, junto ao motorneiro. Quem é elle? E' o mais popular da linha. E' o «Titio Arrelia», um cretudo forte, estradado, feio, mas sympathico. Elle vai manobrando com as manivelas e deitando pilherias, para um lado e para outro.

Os garotos, zombando da velocidade do vehiculo, trepam no bonde e dizem uma chalaca ao «Titio». Elle os faz descer sem bulha nem matinaça, graças a uma graça, que sublinha, como todas as outras, com o estribilho:

— E' pão!

Esse estribilho tornou-o conhecido em todo o longo trajecto desse interessante bonde que é o Cascadura. Elle percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, pertence a velha «Estrada Real de Santa Cruz» que até bem pouco vivia esquecida.

Entretanto, essa trilha lamiacenta que, preguiçosamente, a prefeitura

municipal vai melhorando, viu carraçens de reis, de principes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhamerim, Estrella e outros «portos» do fundo da baía. A «light», porém, com o seu bonde de «Cascadura» descobriu-se de novo e hoje, por ella toda, ha um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe dêem muito do seu primitivo ar rural de antanho.

Mas... o bonde de Cascadura corre: «Titio Arrelia», manejando o «contrôle», vai deitando pilherias, para a direita e para a esquerda; elle já não se contenta com o tympano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e a sua voz delinea-se uma nova e irregular cidade, por aquelles capinzeas que já foram cannaviaes; contempla, naquellas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das «metas-lanjanas» e penso no passado.

«No passado! Mas... o passado é um veneno. Fujo d'elle, de pensar nelle e o bonde entra com toda a força na embocadura do Mangue. A usina do Gaz fica ali e olho aquellas chaminés, aquelles

guindastes, aquelle amontoado de carvão de pedra. Mais adiante, meus olhos tocam com medas de manguez. . . E o bonde corre, mas «Titio Arrelia» não diz mais pilherias, nem assovia. Limita-se muito civiladamente a tanger o tympano regulamentar. Estamos em pleno Mangue, cujas palmeiras farralhavam mansamente, sob um céu ingratamente nevencito. Estamos no largo de São Francisco. Desço. Penetro pela rua do Ouvidor. Onde Reos a «Estrada Real», com os seus bacoros, as suas cabras, os seus gallos e os seus capinzeas? Não sei ou esqueci-me. Entro na Garnier e logo topo um poeta, que me recita:

— Minh'alma é triste como a rola afflicta, etc.

Estão de novo me lembro da «Estrada Real», dos seus porcos, das suas cabras, dos seus gallos, dos capinzeas. . .

L. B.

□ ○ ○ □

— Menino! que acção é essa, estar a puxar o rabo do gato!

— Não estou puxando o rabo do gato, estou segurando só. O gato é que puxa.

JUVENTUDE ALEXANDRE

ETERNA MOCIDADE DOS CABELLOS!

A JUVENTUDE desenvolve o crescimento do cabelo dando-lhe vigor e belleza.	Os cabellos brancos ficam pretos com o uso da JUVENTUDE ALEXANDRE
REMEDIO EFFICAZ CONTRA A CASPA	
Preço do frasco . . . 3\$000 — Pelo correio. . . . 5\$000	
Nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias	
Depositarios: — CASA ALEXANDRE — Rua do Ouvidor, 148	



Figura 3 Crônica “ De Cascadura ao Garnier”. Revista Careta, 28/07/1922, p. 36

As demolições realizadas na cidade prejudicaram uma grande parcela da população que não podia arcar com o preço dos impostos e aluguéis, que ficaram encarecidos após a reforma da cidade.

Assim como Vagalume e Lima Barreto, João do Rio também dava visibilidade à classe operária em suas crônicas. João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, o João do Rio foi um renomado cronista, contista, dramaturgo e jornalista. Era nas ruas remodeladas do Rio de Janeiro que João do Rio encontrava os materiais para seu trabalho, ele foi um dos pioneiros a visitar e retratar o cotidiano suburbano relatava a luta e as dificuldades da vida da população periférica do Rio de Janeiro.

Os operários vêm talvez mal-arranjados, com a lata do almoço presa ao dedo mínimo. Alguns vêm de tamancos. Como são feios os operários ao lado dos mocinhos bonitos de ainda há pouco! Vão conversando uns com os outros, ou calados, metidos com o próprio eu. As raparigas ao contrário: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo... (RIO, 2008, p. 63).

O autor falava sobre os excluídos da *Belle Époque* em um tom impressionista e narrava as práticas culturais da população preta enquanto esboçava sua opinião cheia de juízo de valor a respeito da cultura africana. Ao presenciar a iniciação de duas filhas de santo em um terreiro de candomblé, João do Rio descreve o processo de iniciação como “um dos mais bárbaros e inexplicáveis costumes dos fetiches do Rio”. (RIO, 1904, p. 2)

(...) o biógrafo João Carlos Rodrigues procura ao questionar “a existência ou não do racismo” na obra do jornalista, avaliar se o próprio João do Rio – filho de uma mulata – se considerava negro. Observando fotografias de infância e mocidade, encontra uma criança de “aparência branca”, que se transforma num adolescente “fortemente amulata, de cabelos cacheados”. Monteiro Lobato chegou mesmo a dizer que ele usava o “corte escovinha” para disfarçar o “pixaim”.

(...) Diante dessas evidências, o pesquisador reconhece que o cronista não se considerava negro, nem mesmo pelo “condescendente conceito brasileiro”.

O que fica nítido em *As religiões no Rio*, em que só se refere aos africanos e seus descendentes em terceira pessoa: são “eles” (os “pretos ululantes”; “negros degenerados”) em oposição “nós” (que têm avós “portugueses de boa fibra”). (FARIAS, 2010, p. 246).

Diferente de Vagalume e Lima Barreto, João do Rio observava a cultura popular com estranhamento e distanciamento, o cronista relata suas experiências no subúrbio com um ar de pavor, mostrando não ter muita familiaridade com os espaços que visitava para escrever as crônicas. A sociedade brasileira do século XIX depreciou a cultura preta e indígena promovendo o apagamento desses traços culturais e o narrador de João do Rio expressa bem os preconceitos da sociedade da época que supervaloriza a Europa.

Assim, João do Rio, Lima Barreto e O Vagalume, com projetos literários distintos, leram o Brasil que se modernizava. Lima Barreto simpatizava com as camadas populares, era morador do subúrbio e tinha um olhar atento às questões e demandas sociais dos suburbanos. Ele denunciava a desigualdade social, o racismo estrutural e criticava a política brasileira. O Vagalume interagiu e narrava os espaços de sua crônica de forma íntima. Ele era um grande admirador das rodas de samba, dos salões de carnaval, das festas, das vielas, dos músicos, das práticas culturais do subúrbio e dos moradores do subúrbio, que ganhavam voz e eram descritos de maneira positiva em suas crônicas.

Considerações Finais

Para os brasileiros do século XIX, os únicos modelos de civilização a serem seguidos eram os da França e Inglaterra. “Na verdade, desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor.” (NEEDELL, 1993, p. 49). Durante a *Belle Époque* carioca, a cultura europeia era enaltecida pelos intelectuais, políticos e pelas classes mais abastadas. A alta burguesia brasileira passou a seguir os passos da Europa e a desvalorizar os traços culturais africanos, os ritos culturais que eram praticados pelas camadas menos favorecidas sofreram um processo de apagamento e repressão.

As crônicas do Vagalume enalteceram a cultura negra durante uma época em que esta era marginalizada; portanto, a escrita de Francisco José Gomes é um ato político. Neste trabalho, buscou-se estudar os textos de Francisco José Gomes Guimarães, o Vagalume, em suas trilhas pelas noites cariocas, onde também foi possível observar a sua visão a respeito daqueles que vivem às margens da sociedade.

Vagalume nos apresenta a noite nos subúrbios cariocas, a vida social e as tradições dos excluídos. A escrita de Francisco José Gomes Guimarães valoriza uma cultura que foi deslegitimada durante anos em um processo cruel de colonização dos saberes do povo brasileiro. A cultura africana nos escritos de Vagalume emerge sendo valorizada por aqueles que lutam para manter a tradição viva. Ainda que projetos estéticos distintos, João do Rio e Lima Barreto lançaram seus olhares atentos ao cotidiano do subúrbio. Eles eram sujeitos observadores e capazes de encantar os seus leitores ao descrever a vida dos homens laboriosos, que viviam no subúrbio do Rio de Janeiro. Suas crônicas levavam o leitor a questionar e refletir sobre a vida, a sociedade e a cidade como um todo.

Referências

ASSIS, Lúcia M.; NASCIMENTO, Luciana M.; SANTOS, Janete S.(Org.). **Lima Barreto na sala de aula: primeiros escritos**. São Paulo: Blucher, 2021. E-book. ISBN:978-65-5550-087-5. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/502> . Acesso em: 5 de mar. 2021.

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. [1903]. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. **Os bruzundangas**. [1917] Porto Alegre: LP&M, 1998.

BARRETO, Lima. **Os bruzudangas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BARRETO, Lima. **Toda crônica**. Vol. 2 (1919 - 1922). Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**. Um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. Paris Capital do Século XIX. In: **Passagens**. São Paulo: IMESP, 2007.

DIAS, Julie A. A imprensa negra no século XIX e a escrita como ato político. In: SARAIVA, Luciano Mendes; MENDONÇA, Jorge Eduardo Magalhães. (org.). **Tempo de escrita V**. cidades e sociedades literárias. Rio de Janeiro: Ixtlan. 2021. p. 233-234.

FARIAS, Juliana B. João do Rio e os africanos: raça e ciência nas crônicas da belle époque carioca. **Revista de História**, São Paulo, n. 162, p. 243-279, 2010. Disponível em https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19158/21221?fbclid=IwAR31_uLL9HkwAGBx1Mp7jJG2lr687Wb1DQKN2ySKSSfhHUTfVhzJ-2zcfxQ Acesso em: 3 de mar. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Luciana M. **A cidade de Papel**. Rio Branco: EDUFAC, 2010.

NEDELL, Jeffrey. D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Leonardo. “A invenção do Vagalume”. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de M.; COSTA, Mariana (org.). **Ecos Noturnos - Vagalume**. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2018, p. 17-38.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Raúl Antelo (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Textos do cronista O Vagalume

Reportagem da Madrugada. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1901, p.1.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&Pesq=Reportagem%20da%20madrugada&pagfis=9647>. Acesso em: 1 de mar. 2021.

Reportagem da Madrugada. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1901, p.1.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&Pesq=Reportagem%20da%20madrugada&pagfis=9623>. Acesso em: 2 de mar. 2021.

Reportagem da Madrugada. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 de maio de 1901, p.1.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&Pesq=Reportagem%20da%20madrugada&pagfis=9619>. Acesso em: 3 de mar. 2021.

